LUIZINHO

Cá está elle perfilado, de arma ao hombro, com a sua farda de vistosas dragonas. Pendelhe do peito, a medalha de comportamento exemplar. E foi ganha com muita justiça e honra. O Luizinho é um herce, ñão com as armas na mão, mas com os livros na frente. Apesar de não ter ainda dez annos, já fez o seu exame de instrucção primaria, aleançando a classificação de distincto, e vae arranhando o seu bocadito no frances.

O Luizinho quer ser militar. A farda tem para elle uma attraccão irresistivel. Quando vê pas-

fazer queixa á mamã se tornar a calar bayoneta contra ellas. Um dia atacou o fundo d'uma cadeira, mas a palhinha ficou *ferida*, e o general—o pae—esteve quasi a dar-lhe meia duzia de varadas, ou a mettel-o no calaboico.

Entretanto, como quem sabe esperar sempre alcança o que deseja, chegou a occasião do Luizinho encontrar um inimigo para combater.

O Peralta, um gatarrão branco e bonito, em quanto o nosso militar fazia exercicio, poz-se a namorar uma bola de borracha que estava no chão. De repente, deu um salto, e cahiu sobre a



sar um regimento, o seu gosto era seguil-o. A musica marcial, o toque das trombetas, o ruido dos tambores, dão-lhe estremecimentos nervosos de alegria e enthusiasmo.

Conhecendo a vocação do filho, e querendo premiar-lhe a sua applicação ao estudo, o pae do Luizinho mandou-lhe fazer um fardamento completo, e deu-lh'o de presente.

O nosso heroe não cabe em si de alegria. Passa horas a fazer escrecicio, dando elle proprio as vozes do commando. Dá passeios militares por todas as casas; marcha em passo ordinario, em passo grave, e tambem a marchemarche, o que não é muito do agrado dos visinhos do primeiro andar.

O bravo Luizinho desejaria ter um inimigo para combater; mas não encontra; as criadas não estão para brincadeiras e ameaçam-no de pella: a bola, fugindo ao ataque, rolou pelo sobrado e foi refugiar-se ao pé d'um cavallo de peloio, como que a pedir-lhe que a defendesse. O Peralta enche-se de brios, e, querendo mostra que não é gato que se assuste com qualquer coisa, ataca de salto a bola e o cavallo. O nobre animal, não podendo resistir ao choque, cahe para o lado, ao passo que a miseravel bola, cobarde e desleal, deita a fugir para o extremo da sala, sem acudir ao seu alilado!

O Peralta, adversario pouco generoso, não esperou que o inimigo se levantasse: lançou-lhe as unhas ao corpo, e rasgou-lhe as carnes, o papelão, quero dizer.

N'isto o Luizinho deu tino da briga, e exclamou enfurecido:

— Cá está o inimigo!...

E, zaz! começou o ataque. A arma foi procu-

rar o lombo do gato; este, que só era valente com as bolas de borracha e com os cavallos de papelão, foge rapidamente. O Luizinho, animado pelo calor da batalha, persegue-o. O Peralta, querendo escapar-se á furia do inimigo, salta para cima da jardineira e quebra as jarras e os bonecos de porcelana, que cahem no chão com grande estrondo! O nosso militar, sempre brioso, continua a atacar o inimigo, querendo forçal-o a uma retirada. Mas as portas estão fechadas, o Peralta não sabe por onde fugir, os seus míans esturgem por toda a casa! Áfinal, não encontando outro recurso, dá um pulo e enfía por um dos vidros da janella, o qual se desfaz em mil pedaços!

Mas o peor é que, em quanto o Luizinho limpa com o lenço o nobre suor da victoria, na rua levanta-se uma grande agitação, accumulam-se os curiosos, cresce o fallatorio. Que será?

O desastrado *Peralta*, cego na fuga, fôra cahir mesmo em cheio sobre o chapeu novo d'um sujeito velho, que desatou a berrar e a vociferar em grande colera.

O chapeu ficara chato que nem um figo pas-

sado!

MATTOS MOREIRA.

QUADROS DA HISTORIA NACIONAL

OS CONCILIOS DE BRAGA

Quando o vasto imperio romano, que se estendia desde as margens do mar Negro até a estas costas, onde vivemos, e que as ondas do Oceano Atlantico eternamente acoitam, começou a desfallecer, graças á immensa corrupção dos governos e da sociedade, principiaram tambem as hordas barbaras, que viviam para alem das fronteiras do imperio, a quebrar as debeis bareiras que as legiões lhes offereciam, e a irromper por esses paizes tão cultos e tão civilisados, mas tão corrompidos tambem!

Era inevitavel a destruição de um imperio assim tão vasto. Cada província, cada legião aspirava ao dominio. Quando morria um imperador, surgia de cada canto um candidato á purpura. Houve occasião em que chegou a haver ao mesmo tempo trinta imperadores, e todos estes soberanos arrastavam comsigo as legiões que os tinham proclamado ás luctas civis, e as fronteiras desamparadas davam ingresso aos barbaros, que entravam primeiro timidamente, e que depois se alastravam como uma torrente por toda a extensão do Imperio. Foi assim que no principio do seculo v os Suevos e os Vandalos, tribus germanicas do sudoeste e do nordeste da Allemanha, e os Alanos, tribu asiatica das proximidades do Caucaso, atravessaram o Rheno, e passaram, como uma torrente devastadora, por todo o territorio da moderna França, até chegarem aos Pyreneus. Estacaram por um momento diante d'essas altas e formidaveis montanhas, mas afinal resolveram-se a franquear essa ultima barreira, e entraram pelo territorio até então inviolado da peninsula hispanica.

Vieram para o nosso lado os Suevos, emquanto os Vandalos seguiam até á ultima provincia meridional da Hespanha, que do seu nome se ficou chamando Vandaluzia e hoje Andaluzia, e os Alanos se confundiam com as outras nações, depois de dispersos pelos Visigodos n'uma batalha, e de tal modo desappareciam que do seu nome não restam vestigios, a não ser que acceitemos a opinião de Mariana, que aflirma ter ficado na villa portugueza de Alemquer, e na povoação andaluza de Alannia, um rasto da passagem d'eses povo.

Mas atraz dos Suevos, dos Vandalos e dos Alanos, veiu uma outra nação, essa semi-civilisada já, e que, por conseguinte, se tentava substituir o dominio dos seus chefes ao dos imperadores romanos, muitas vezes combatia ao lado de Roma contra os povos mais barbaros, que ameacavam destruir completamente o mundo civilisado. D'aqui resultaram as mais terriveis luctas. Suevos, Romanos, Vandalos, Alanos, Visigodos, baralharam-se n'uma confusão medonha n'esta terra occidental. O imperio dos Cesares, completamente desorganisado, não tinha forças para resistir aos barbaros; as guarnições romanas, desamparadas, sem esperancas de soccorro, encerradas nas cidadellas, eram dizimadas pela fome, antes que as cortasse o ferro dos barbaros. Os Visigodos representavam ás vezes, diziam elles, a causa do imperio romano, mas eram alliados tão terriveis como os inimigos. Tomaram Braga aos Suevos, e confundiram n'uma só carnificina os conquistadores e os conquistados, os que vinham guerrear e os que vinham defender. Os Alanos devastavam a região entre o Mondego e o Tejo, como os Suevos devastavam a que estava entre o Douro e o Minho. Em todos os historiadores d'esse tempo, em todos os documentos que sobrevivem, está impresso o terror immenso que em todos os animos produziu esse medonho cataclysmo, essa confusão extraordinaria, em que se não adormecia uma noite com a certeza de se despertar no dia seguinte, porque os conquistadores succediam aos conquistadores, e a conquista barbara era synonimo de devastação, de ruina, de incendio, de carnificina.

À unica authoridade que sobrevivia, respeitada até certo ponto, era a authoridade ecclesiastica. Era a Igreja o unico centro organisado de resistencia á desordem. Por isso os concilios, quer dizer, a reunião dos bispos de uma determinada região, começam a adquirir uma importancia extrema. Alli se tomam as medidas mais salutares para os desgraçados povos, alli se centralisa a propaganda, alli se robustece a fé e se avigoram os animos, e a pouco e pouco d'alli vae irradiando a aurora dos novos tempos, que principía a erguer-se sobre essa medonha noite do seculo v. N'esta parte occidental da Peninsula, é em Braga que esses concilios se reunem. Um dos mais curiosos é o de 411. Nada em sangue a antiga provincia lusitana. Cobrem o solo ruinas por toda a parte. E no meio de todos estes terrores e de todas estas luctas, reunem-se em Braga, debaixo da presidencia de Pancraciano, bispo desa mesma diocese, Elipando, bispo de Coimbra, Arisberto, bispo de Dorto, Pamerio, bispo da Idanha, Tiburcio, bispo de Lamego, Pontamio, bispo de Eminio e outros mais ainda, e deliberam sobre as providencias necessarias para salvar no meio de tantos naufragios a fe, a ordem, a civilisação. Pouco tempo depois, n luma epistola, que se conserva, d'este Arisberto, bispo do Porto, vem já a narrativa do captíveiro de Elpando, bispo de Coimbra, e das desgraças que pesam sobre todos oprelados que nesse concilio se achayam reuni-

dos. Mas outros se lhes seguem, e outros ainda, tomam novos bispos o logar dos que cairam, e essas assembleas pacificas alcançam emfim a victoria sobre os tumultuosos acampamentos, e os concilios de Braga subiugam os devastadores de Braga, e quando emfim se restabelece um pouco de ordem, um pouco de socego, quando vem uns seculos de respiro, entre as invasão dos barbaros do norte, e a invasão dos fanaticos do sul, os concilios resplandecem como certoros de domino e de organisação, já que tinham brilhado, entre as sombras do cataclysmo, como centros de resistencia e de ordem.

PINHEIRO CHAGAS.



differente.

— O avô é
mau; não quer
explicar-se com
clareza! — dis-

explicar-se com clareza! — disse a pequenita em tom de amuada.

Está bom, não te apoquentes. Ora ouve lá.
 Serio, serio?

 Serio, sim. Ralei-te com a distincção das palavras trovão e raio, muito de proposito para que não as confundisses. Ora dize-me o que presenciaste durante a trovoada.

 Vi relampagos... ouvi os trovões... e vi tambem uma fita de fogo cahir para o lado onde estava o guarda.

 Pois essa fita de fogo era um raio; o trovão, é o ruido que elle produz; o relampago, é a luz que elle espalha.

— Então o que é o raio?

— Quando te fallei do telegrapho, disse-te que a electricidade era uma das forças da natureza, mas que essa força só era conhecida pelos seus effeitos, um dos quaes é o raio; pois não te recordas?

— Sim, sim.
— Lembras-te do bocadinho de ambar que attrahiu os pedacitos de papel?

— Aquella experiencia mostrou-te um dos effeitos da electricidade, e se eu te houvesse tocado n'uma orelha com aquelle pedaço de ambar, depois de o ter friccionado, ouvirias um leve ruido, produzido pelo desprender d'uma pequenina faisca.

- Uma faisca?!

— Sim, uma faisca electrica, que saltava do ambar ao tocar n'uma parte do teu corpo. A faisca seria tão insignificante que não poderia fazer-te mal, nem mesmo ser vista; mas se fosse maior, o caso seria outro. O raio não é mais que uma faisca electrica, mas d'uma força e d'uma intensidade consideraveis. Comprehendes?

— Mas d'onde vem essa faisca? porque, no ar, não ha nem ambar, nem outro corpo que possa produzir electricidade!

- Sim? então as nuvens?

— É verdade; ha as nuvens!

— Pois bem, contenta te em saberes, porque não quero entrar n'uma explicação theorica, que, quando certas nuvens se encontram, começam a fusilar faiscas electricas, as quaes produzem um abalo no ar. Ora, esse abalo na atmosphera, é o ruido de que fallámos ha pouco...

- O trovão?

 Justamente. A luz brilhante da faisca, é o relampago; e, em conclusão, a propria faisca é o raio. - N'esse caso, sempre que se ouve um trovão, cahe algum raio na terra?

-- Não. Para o raio cahir, é necessario que as nuvens, carregadas de electricidade, estejam proximas da terra. Quando a tempestade rébenta nas altas regiões, a faisca electrica nãochega ao solo, perde-se na atmosphera.

Depois de reflectir um instante, a Susaninha perguntou:

- Então sem as nuvens não se pode produzir o ráio?
- Não.

— Comtudo, no verão, ás vezes vêem-se relampagos, sem haver nuvens no céu.

- Enganas-te; ha nuvens, mas muito longe, fóra do alcance da nossa vista, tão longe que nem se ouve o ruido do trovão.

— Ah! isso sim.
Mas olha lá, avôsinho: tenho ouvido dizer que, quando se ouve o trovão, já não ha perigo de sermos apanhados pelo raio;
é verdade?
— É.

-Mas como pode ser isso?

— Quando se produz a faisca, tu vês immediatamente o relampago, porque a luz chega á nossa vista quasi no mesmo instante. Para fazeres idéa, dir-te-hei que a luz percorre n'um segundo 77:000 leguas.
O trovão é outra coisa; o som é

muito mais preguiçoso: a sua marcha não excede 340 metros por segundo. Portanto, quando a bulha do trovão chega aos nossos ouvidos, já o raio tem cahido. Ao veres o relampago conta immediatamente: um, dois, tres, etc., que são os segundos, até ouvires o trovão; se chegares ao numero cinco, já ficas sabendo que as nuvens d'onde partiu a faisca electrica, estão a cinco vezes 340 metros de distancia; por outra, cada segundo, cada 340 metros.

— En não ha meio de nos livrarmos do raio?
— Era essa a constante preoccupação dos antigos povos, que não tinham os abrigos que nós temos hoje. O trovão causava-lhes pavor. Viam n'esse ruido a colera dos seus deuses, ameaças, presagios sinistros...

É' porque não sabiam explicar a causa do trovão — observou a Susaninha.

— Justamente. O perigo cuja causa é desconhecida produz sempre maior susto. A sciencia estava muito atrazada em Roma e em Athenas, e os melhores philosophos disparatavam quando queriam discutir o raio. Um d'elles chegou a affirmar que o raio cahia dos tres planetas: Jupiter, Saturno e Marte!

—Ora essa!—exclamou a pequenita com gracioso desdem.—Mas que faziam elles para

se livrarem dos raios?

— Mil coisas inuteis. Pregavam morcegos nas portas, tocavam sinos, punham na cabeça uma coroa de loiro...

- Oh! pois não! d'esse modo estavam sal-

O mais engraçado é que ha ainda hoje quem faça o mesmo, principalmente nas aldeias da Bretanha.

— Mas afinal, avôsinho, ha meio ou não ha de evitarmos o raio?

— Ha, sim. Um grande sabio, chamado Francklin, inventou o pararaios.

— São aquelles ferros esguios que se vêem nos monumentos?

— São; mas o para-raios não consiste só nos taes ferros esguios, como tu dizes; ligado ao ferro ha um corpo de fios metalicos, que passa ao comprimento de todo o edificio e cuja extremidade inferior vae perder-se

n'um pôço. O para-raios faz o seu serviço, arrebatando com a ponta da sua haste a electricidade das nuvens que passam ao seu alcance.

— N'esse caso, foi pena que não houvesse no parque um para-raios para evitar o desastre ao pobre guarda!

A senhora de Sannois entrou n'este momento, ouvindo ainda as ultimas palavras da Susani-

— Fallas do guarda do parque? — perguntou ella.

— Fallo sim, mamã. Tens noticias d'elle? — inquiriu vivamente a bondosa menina.

O infeliz está paralytico, mas o medico tem esperanças de o salvar.

O infeliz está paralytico, mas o medico tem esperanças de o salvar.

Permittes que eu vá vel-o, mamásinha?
 Pois vae, minha filha, e leva-lhe alguns soccorros.



.. e vi tambem uma fita de fogo cahir para o lado onde estava a guarda.

O caridoso coração de Suzana estremeceu de alegria.

CAPITULO XXIX

A ULTIMA PERGUNTA DE SUSANA

O tio Remois, como chamavam familiarmente ao velho guarda, estivera, em verdade, muito perto da morte. O raio apenas lhe queimara ó fato; entretanto, a commoção cerebral produzira uma paralysia completa do lado direito.

Vendo quanto a sua Susana se interessava pelo pobre guarda, o sr. de Sannois mandara-lhe

o seu proprio medico.

Graças ás intelligentes prescripções do habil doutor, o tio Remois escapara da morte. A paO tio Remois, antigo soldado, condecorado com a legião de horta e com a medalha militar, escondia debaixo da sua rude apparencia uma delicada sensibilidade. Só, sem familia, apreciara no mais alto grau a caridosa bondade d'aquala encantadora menina, que tanto interesse tomara pela sua desgraça.

O velho guarda sentia agora pela sua pequenina protectora uma dedicação illimitada. N'aquella manhā, principalmente, em que ja não podia duvidar da cura, o seu maior desejo seria encontrar occasião de arriscar a vida para salvar a da menina Susana; e como a olhava muito commovido, notou que ella se mostrava triste.

— Que tem, minha menina? — atreveu-se elle

a perguntar com affectuosa timidez.



Um, dia, por occasião da sua visita, encontrou o doente sentado n'uma poltrona

ralysia, energicamente combatida, devia de ser apenas temporaria. De facto, as melhoras eram rapidas.

Um dia, por occasião da sua visita, a nossa Susaninha encontrou o doente sentado n'uma poltrona. A paralysia desapparecera do braço; conservava-se somente na perna.

— Olá, tio Remois! — exclamou a pequenita — então pôde levantar-se! Agora é que eu digo que está quasi bom. Como estou contente!

E eu tambem, minha menina, porque espero poder ir agradecer pelo meu pé à sua cariglosa familia os beneficios que me tem feito! A minha querida menina agradeço desde já!

Dizendo estas palavras, o velho guarda, com os olhos humidos de lagrimas de reconhecimento, pegou com a sua mão, agora já livre, na mãosinha de Susana, e beijou-a.

De facto, a bondosa menina ia todos os dias visitar o enfermo, levando-lhe provisões e soccorros.

— Nada! — respondeu vivamente a pequenita. E como para mudar de conversação, indicou com o dedo a cruz e a medalha que brilhavam no peito do veterano.

-Onde ganhou isso, tio Rémois? - pergun-

tou. — Foi durante o cerco de Paris?

— Não, minha querida menina; ha muitos annos que tenho estas condecorações.

—Onde lhe deram a cruz?

- Na Italia.

E a medalha?

A Susaninha fazia estas perguntas distrahidamente, sem lhe ligar a menor importancia.

O veterano respondeu:

A medalha ganhei-a na Criméa.

Susana empallideceu subitamente.

Na Criméa? — perguntou ella com anciedade.
 — Sim, minha menina — respondeu o guarda.

— Sim, minha menina — respondeu o guarda, admirado da perturbação que mostrava a sua gentil protectora.

- Na Criméa! - repetiu ainda a pequenita, a quem aquelle nome acabava de recordar um triste acontecimento.

Mas porque se mostra a minha querida menina tão impressionada?

Susana não respondeu. Reflectia.

O tio Rémois começou a procurar na mente o que poderia haver de commum entre a palavra Criméa e o nome de Susana. Não descobriu nada. Pensou então no appellido da familia da sua pequenina protectora.

A Criméa... Sannois... — murmurou elle.

Subito, estremeceu.

Era evidente que o velho guarda se lembrara d'alguma coisa.

A Susaninha continuava triste e pensativa. Para arrancar a pequenita ás suas sombrias

reflexões, o tio Rémois quebrou o silencio: -Acaba de lembrar-me uma aventura em que o nome da sua familia anda envolvido.

– E onde se passou essa aventura? — pergun-

tou Susana com hesitação. Na Criméa - respondeu o veterano, sorrindo da surpreza singular que mostrara no rosto a gentil menina.

Então não é uma aventura grave? - perguntou ella, interdicta com aquelle sorriso. - De

que é que se trata? - D'um duello.

(Continua).

VERSOS AO JULIO

O MONGE E O CAVALLEIRO

No atalho que se desenha Do matto na espessa brenha, Vae um monge a passo lento; Não no instiga muito a pressa, Se bem que saiba e conheça Que inda está longe o convento.

Junto á beira do regato Que serpenteia entre o matio Tudo convida ao descanço: E o monge, escolhendo a sombra, Da relva na doce alfombra Se estende co'o seu ripanço.

N'isto, um cavallo a galope Assoma do outeiro ao tope, Depressa descendo o outeiro: E d'ahi por um bocado Junto do monge deitado Chega um gentil cavalleiro.

Diz-lhe o monge : — Boa tarde ! Que Deus vos proteja e guarde No vossa infrene carreira... Se não ha quem vos persiga, Que motivo vos obriga A correr d'essa maneira

Volve o gentil recemvindo: O dia vae quasi findo,
 Por isso corro sem tregoas; Nem perder posso um momento, Vou pernoitar ao convento, Que d'aqui dista tres leguas...

Tres leguas! Isso que tem?! P'ra o convento vou tambem, Nem tenho onde aqui pernoite... E se a Virgem me ajudar Hei de ao convento chegar Antes do toque da noite...

- Fiae-vos n'isso, meu santo... Eu vou marchando entretanto, Que o tempo vae de fugida... E a redea largando logo, Abala ferindo fogo Pelo matto a toda a brida...

Mas, esbarrando n'um vallo, O desastrado cavallo Fica de queixos partidos; E o moço cheio de pressa Na queda quebra a cabeça E co'a dôr perde os sentidos.

E em quanto o monge em socego Chegava ao doce conchego Que no convento o esperava, O cavalleiro dorido Passava a noite estendido Em cama de esteva brava!

Guarda sempre de memoria A doutrina d'esta historia Do cavalleiro e do monge : Não sejas nunca apressado, Porque lá diz o dictado : De vagar se vae ao longe ...

D. MARIA DO Ó.

A BOLSA DA AVÓSINHA

Minha avó não tem doenças; e apesar dos seus noventa e tres annos, conserva a pelle fresca, não lhe falta appetite, não baralha as idéas, e tem o coração enthusiasta da mocidade.

Entretanto, affirma ter já o ouvido rebelde e vêr cada vez menos. «Estou cega! estou surda!» costuma ella dizer.

Não se fiem n'isso! a avó ouve o que lhe faz conta, e vê tudo... mesmo sem oculos.

Ah! eu queria que um Rembrandt se lem-

brasse de lhe tirar o retrato! Que expressão veneranda e maliciosa ao mesmo tempo!

Tem as feições aristocraticas, um sorriso in-

telligente, o olhar bondoso e cheio de perdão. Apesar da sua avançada edade, percebe se que n'outros tempos foi bonita. Agora mesmo, é bella ainda, sobretudo quando a mão d'alguma das filhas lhe vae annelar ao redor do rosto os seus poucos cabellos, brancos como a neve.

É escusado accrescentar que ella é o orgulho, a alegria, o idolo de toda a familia. É a nossa creancinha velha. A menor arranhadura de alfinete, todos se assustam e se entristecem.

Querem agora saber o grande desgosto que ella teve o outro dia?

Eu dera-lhe por prenda de annos uma bolsa,

e ella, para mostrar que apreciava o presente, mettera-lhe algum dinheiro.

Minha irmã tinha voltado com a avó do Passeio. — porque um de nós leva-a lá quasi todos os dias, principalmente quando ha musica, pois faz gosto vêr como ella dá attenção aos trechos das operas do seu tempo, á symphonia do Caçador do joven Henrique, á walsa da Perola dos bosques, a uma gavota, a um minuete, a algumas arias antigas de Mozart, de Guetry, de Boieldieu, que lhe recordam a sua mocidade.

Ora, na volta, e mesmo ao pé da porta de casa, um mendigo pediu-he esmola. Ella remeche na algibeira... e era uma vez a bolsa do dinheiro!... Ficou apoquentadissima. Para a socegar, dissemos-lhe: «Naturalmente deixou-a em casa.» Entrámos, e debalde procurámos. Voltámos a toda a pressa aos sitios em que estivera a avó, e nada de bolsa! Perdida ou roubada, o certo é que não se encontrou.

A avó estava consternada, desesperada.

— Não é por causa do dinheiro, mas é que

tomo isto por agoiro! Emquanto lhe tiravam o chapeu e a capa, reuniu-se a familia em conselho de estado. Occorreu-me então uma lembranca.

 Enganemol-a. Vou comprar-lhe outra bolsa egual, e dir-lhe-hemos que é a d'ella que se encontrol.

— Mas, observou minha mulher, para se fazer isso, era preciso que soubessemos a quantia que tinha a bolsa.

 Ao jantar, em conversa, forçaremos a avó a dizel o.

Effectivamente, como a velhinha pouco comia, tivemos occasião de interrogal-a, mas com todo o geitinho... ella é tão esperta!

— No fim de contas, avó, nunca o démo mais leve; não era nenhum thesoiro.

— Vamos com Deus! podia ser menos... eram tres libras em oiro, e não sei que mais... Ah! agora me lembro: tres moedas de tostão, e mais uma de meio tostão, que eu reservava para o meu velhinho do costume.

D'alli a pouco era achada a bolsa da avósinha.

(Traduzido por uma menina de 10 annos.)

CARLOS DESLYS.

A LEITEIRA E A BILHA DE LEITE

(FABULA DE LAFONTAINE)



Com sua bilha á cabeça, Maria da Soledade Vinha, marchando com pressa, Vender o leite á cidade.

E a leiteira diligente, Emquanto assim caminhava, Estes projectos na mente Consoladores formava.

— Com o dinheiro da venda Encho de ovos tres cestinhas; Deito os ovos, e a fazenda Augmento a vender gallinhas. Depois, na feira annual, Comprarei porquinho bello; Mais tarde, no meu curral, Terei vaquinha e vitello.

Antegozando um deleite, Maria, a pobre, tropeça; Cae-lhe a bilha da cabeça E entorna-se todo o leite.

A lição, singela e breve, E' facil de decorar, E ensina que ninguem deve Fazer castellos no ar.

J. I. D'ARAUJO.

HERMINIA.

AYRES.

AZOUGUE.

HORAS ENTRETIDAS

82 - CHARADA

A vigessima quarta parte Sou d'um todo, bem se vê Da beira não te aproximes, Tem seu perigo, n'isto crê.

Alegres e saudosos Me veem consultar; P'ra uns o tempo voa, Outros cansam d'esperar.

Liebon

83 — CHARADA

Sou alegre e chamam-me real — 2 Na ha quem de mim não diga mal — 1 De humilde nascimento és o mais nobre Por ti suspira o rico e mais o pobre.

Lisboa. 84 — Charada Novissima

Sobre a terra, longe da terra e no mar - 2 - 2

85 — CHARADA NOVISSIMA

A primeira é util interjeição á sentinella — 1 — 1 — 1

Lisboa. Her 86 — Charada Novissima Anda esperto o desgraçado — 1 — 2

eu. O Pequeno Antoninho.

87 — Charada novissima

Tinge, leva agua e encobre - 1 - 2

88 — pergunta innocente

(A TRAVESSO & C.ª)

Tenho uma caixa esquisita, Obra muito curiosa; Pertenceu-me na partilha Do espolio da tia Rosa.

Pezo-a quando está vazia E dá sempre arroba e meia, Encho-a, e vejo que fica Mais leve, depois de cheia.

Como s'explica tal caso, D'onde vem tal bruxaria Ser mui leve quando cheia, Pezada quando vazia?!

Portanto, diga Travesso, Meu companheiro presado, De que encho a final a caixa P'ra dar este resultado?

Vizeu. O Pequeno Antoninho.

80 — LEXICOLOGIA

Az — traz — oca — pa — ira — erva — alma — posta — ama — ar — catar — escorer — bolo — 'antas — guia — atilho — sado — ria — erro — isca — sentar — gosto — ermo — brio — ilha — ais — pistola — ente — pera.

Accrescentar a cada uma d'estas palavras uma inicial, de modo que fiquem outras palavras; e com as iniciaes que se accrescentarem, formar um proverbio conhecido. Listoa.

QO - PALAVRAS QUADRADAS

(DE DUAS SYLLABAS)

Substantivo Verbo Substantivo Verbo

TITEBE.

ALEGRIAS

Um camponez entrou na villa conduzindo uma carroçada de matto; e com quanto gritasse a miudo: A-rreda! a rreda! » um teimoso não se quiz afastar, do que resultou pegar-lhe a lenha no capote e rasgar-lh'o. Exasperado, quiz que o camponez lhe pagasse o prejuizo, e levou-o á presença do juiz de direito.

O juiz perguntou ao accusado se era verdadeira a queixa da parte. O camponez exprimiu com gestos que não podia fallar, que era mudo.

O juiz voltou se para o accusador e disse-lhe:

— Então que quer que eu faça a um mudo?

— Qual mudo! ainda ha pouco eu o ouvi fallar perfeitamente!

— Então que dizia elle? Olhe não se engane.
— Não engano, sr. juiz! Tão pouco gritava elle: «Arreda! arreda!»

O juiz sorriu-se, redarguindo:

— N'esse caso, mal fez o senhor em não lhe attender o aviso, porque teria evitado que a lenha lhe rasgasse o capote. Não é bom ser teimoso.

E o magistrado mandou em paz o camponez.

Dois marselhezes que tentavam intimidar-se mutuamente, contavam um ao outro as suas façanhas guerreiras e os seus duellos.

çanhas guerreiras e os seus duellos. — Olha, — dizia um — eu cá já matei dois ho-

mens, um á espada, outro á pistola.

— Grande coisa! Olhem a valentia! A minha dextreza em todas sa armas é de tal modo conhecida, que um celebre espadachim deu uma vez um tiro nos miolos, só para não se bater commigo!

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

i	C	a	r	8	y	3	n	a
ı	B	a	1	a	t	2	d	a
١	R	3.	b	a	n	3	d	3
1	P	a	p	a	Z	a	n	a
1	C	a	m	3	г	a	t	a
1	В	a	d	3	T	a	d	a
1	G	a	1	a	g	a	1	3
1	C	a	t	3	Т	a	t	a
1	5	a	c	a	b	a	1	a
1	В	a	c	8	b	a	d	3
1	C	a	r	a	P	a	n	a
1	T	a	c	a	m	a	c	a
ı	C	a	8	a	m	a	t	3
ı	C	a	г	a	c	a	r	3
ı	C	а	ç	a	p	a	b	a
١	R	a	1	a	Z	a	n	8
ı	C	a	t.	3	n	a	d	a
	P	1	T	a	g	a	n	a
1	N	a	C	a	г	3	d	a
H	R	a	b	a	d	a	n	3
1	C	a	m	3	r	a	d	a
ı	M	a	r	a	c	a	n	3
ı	S	a	p	a	t	a	d	a
ı	P	a	t	a	r	a	I	a
١	C	a	c	a	r	a	C	á
ı	В	a	t	a	t	á	f	3

73, Picardia. — 74, Lobo. — 75, Papão. — 76, Regato. — 77, Virgula. — 78, Na arca de Noé, que encerrava toda a gente. — 79, O contra-mestre.—80, (vidé o quadrilongo). 81, AMARGO MARIA

MARIA ARES RIS GA

